

A FILOSOFIA GRAMSCIANA E A EDUCAÇÃO

Beatriz Sabóia*

Introdução

Tendo em vista a própria estrutura do "Em aberto" com a seção "Enfoque", que se faz numa dimensão mais abrangente, seguida da seção "Pontos de Vista", através das quais diferentes abordagens do tema proposto são objeto de explicitação, entendemos que estaremos colaborando para a presente publicação intitulada pelo INEP como "Contribuições das ciências humanas para a educação: a filosofia" trazendo a perspectiva gramsciana de filosofia na sua relação com a Educação, especificamente, neste texto, com a Escola.

Constata-se no pensamento de Antonio Gramsci uma particular preocupação com a questão educacional. Sua dimensão de análise mais contundente está centrada sobre a função política e, portanto, filosófica e histórica da Educação e vê a escola como um dos aparelhos de hegemonia privilegiada na organização de uma nova cultura. Para este autor, discutir a escola numa formação social capitalista é discutir a hegemonia, é pôr a questão do intelectual.

Para Gramsci filosofia é, precisamente, a história concreta dos homens, é a política e é hegemonia. E a escola — no que coloca como tarefa preparar os alunos para a "sociedade das coisas" e para a "sociedade dos homens" — está situada, necessariamente, no bojo de um processo político de luta hegemônica entre classes distintas.

Gramsci trabalha categorias de pensamento para fazer a crítica burguesa: folclore, senso comum, religião, bom senso, "filosofia da práxis"; e grande

* Professora da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). atualmente à disposição do INEP lotada na Coordenadoria de Pesquisa

contribuição trouxe para o processo revolucionário com sua batalha pela construção de uma nova mentalidade, de uma nova educação, de uma nova cultura e de um novo homem.

HEGEMONIA, FILOSOFIA E LUTA POLÍTICA ENTRE CLASSES

Para Antonio Gramsci, a **hegemonia** se constitui como categoria fundante no processo de transformação social, liberando o marxismo e, conseqüentemente, a ação revolucionária, do materialismo mecanista, do revisionismo bernsteiniano.¹

"Devem ser revistas e criticadas, todas as teorias historicistas, de caráter especulativo. Poder-se-ia escrever um novo AntiDühring, que seria, desta ponto de vista, um AntiCroce, resumindo não apenas a polêmica, contra a filosofia especulativa, mas também a polêmica contra o positivismo, o mecanicismo e as formas deterioradas da filosofia da práxis."²

Tal categoria incorpora, por dentro, toda sua rica e original contribuição — na fase do capitalismo avançado e de uma maior complexidade do fenômeno estatal — à teoria política do Estado desenvolvida pelos fundadores do marxismo.

Com Marx, Engels e Lenin um ponto de partida Um desvendamento daquilo que a burguesia sempre escondeu: a natureza de classes do Estado. Este nasce das classes. É a expressão da luta de classes e do domínio de uma delas. Superada, assim, a teoria de Hegel segundo

¹ O termo revisionismo vem de Edwar Bernstein, "que foi legado testamentário de Engels, seu discípulo e fiel seguidor". Posteriormente, o próprio Engels, ao lado de Kautsky e Rosa Luxemburgo lutou contra as leses de Bernstein, que defendia a idéia de rever a teoria marxista e aplicá-la aos novos tempos Cf. GRUPPI. Luciano, **Tudo começou com Maquiavel**, p 51.

² GRAMSCI, Antonio **Concepção dialética da história**, p. 57.

Para Gramsci, na "sociedade civil" se realizam as condições de vida material e ideológicas, ou seja, é o lugar onde se vivem as relações de produção e também uma cultura, uma pedagogia; uma filosofia. É o lugar da construção de uma hegemonia. O espaço pelo qual a classe dominante obtém o consenso em torno de seus objetivos e pode, assim, exercer a direção política. Contudo, contraditoriamente, é o lugar, também, da construção de uma contra-hegemonia burguesa. São classes antagônicas em luta permanente por projetos hegemônicos distintos.

A luta pela consolidação de uma contra-hegemonia burguesa caracteriza a passagem do **senso comum à filosofia**; a passagem de uma interpretação inconsciente, fragmentária e mecânica da realidade a uma concepção de mundo consciente, elaborada, orgânica e, por isso, original. Criadora de cultura. De uma nova cultura: não-burguesa. Proletária.

"Mas o que significa criador? Significará que o mundo exterior é criado pelo pensamento? Mas por qual pensamento e de quem? (...) Para escapar (...) às concepções mecanicistas que estão implícitas na concepção do pensamento como atividade receptiva e ordenadora — deve-se colocar o problema de uma maneira 'historicista' e, simultaneamente, colocar na base da filosofia a 'vontade' (em última instância, a atividade prática ou política), não arbitrária, que se realiza enquanto corresponde às necessidades objetivas históricas, isto é, enquanto é a própria história universal no momento da sua atuação progressiva."⁶

Gramsci é materialista. Contudo, tem-se no pensador italiano as marcas bem definidas de um materialismo que é dialético e histórico. Para conhecer a realidade italiana, numa direção da transformação, aplica o método da filosofia crítica de Marx, que já não se contenta com a função interpretativa da realidade.

"Os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes, a questão é transformá-lo."⁷

⁶ GRAMSCI. Antonio Concepção Dialética da História, p. 33.

⁷ Em 1845. Marx e Engels elaboraram as suas "Teses sobre Feurbach", que são uma crítica profunda da Ideologia burguesa e do materialismo pré-marxista de caráter metafísico, que, pelas suas insuficiências, abandonam a matéria social ao idealismo. A Tese em referência é a XI Teses sobre Feurbach — In **Ideologia Alemã**, p. 111.

O pensamento gramsciano se caracteriza por um esforço no demonstrar o caráter revolucionário do marxismo. A possibilidade de reorganizar e desenvolver o movimento operário italiano dentro das novas condições históricas, expressas pela vitória do fascismo de Mussolini, implica uma condição: romper com todas as interpretações idealistas e economicistas do marxismo, buscando esclarecer a relação dialética entre teoria e política.

A luta hegemônica entre as classes de uma determinada estrutura econômico-social é assegurada pela política. E a **Filosofia** é, fundamentalmente, **política**. Nesta está resumida toda a filosofia real de cada um. nela encontramos a própria substância da **história**.

"A filosofia de uma época histórica, portanto, não é senão a 'história' dessa mesma época, não é uma massa de variações que o grupo dirigente conseguiu determinar na realidade precedente: neste sentido história e filosofia são inseparáveis, formam um bloco."⁸

O "Fazer política" é "fazer história". Ao tempo que é "fazer hegemonia" e "fazer filosofia".

Contudo, existem "fazeres" distintos, sustentados por interesses também distintos. Uns frágeis, atomizados, difusos. Outros "coerentes", "organizados", porque selados pela marca da dominação de uma luta desigual entre capital e trabalho.

O conhecimento na teoria gramsciana é luta política que se trava na "superestrutura" de um determinado **"bloco histórico"**. É hegemonia. É hegemonia é filosofia; conhecimento, além de ação, por isso é a conquista de um novo nível de cultura. É a descoberta de coisas que não

⁸ GRAMSCI. Antonio. op. cit. p. 30.

se conhecia e o esforço do desvendar, por dentro, a concepção de mundo de um determinado grupo social, de uma dada sociedade.

"Criticar a própria concepção do mundo, portanto, significa torná-la unitária e coerente e elevá-la até o ponto atingido pelo pensamento mundial mais desenvolvido. Significa, portanto, criticar, também, toda a filosofia até hoje existente, na medida em que ela deixou estratificações consolidadas na filosofia popular.

O início da elaboração crítica é a consciência daquilo que somos realmente, isto é, um 'conhece-te a ti mesmo' como produto do processo histórico até hoje desenvolvido, que deixou em li uma infinidade de traços recebidos sem benefícios no inventário. Deve-se fazer, inicialmente, este inventário."⁹

Assim, em Gramsci, filosofia é hegemonia que se faz em luta política entre classes. Há uma relação intrínseca entre filosofia e política necessariamente, visto que:

"(...) a filosofia é política porque está a serviço de uma função hegemônica ou contra-hegemônica de classe e se destina, seja a cimentar o consenso das classes subalternas, seja a solapar este consenso."¹⁰

A concepção gramsciana de filosofia considera a filosofia do senso comum, mas tende a conduzi-la a uma concepção superior de vida e portanto busca o rigor da cientificidade e reflexão radical. Em Gramsci a filosofia é também senso comum. Incorpora este, superando-o. São momentos diferentes, ainda que formando uma unidade. Senso comum se constitui como conhecimento preliminar que guia ações e é verdadeiro; porém, interiorizado, sem crítica, por processo de inculcamento, via concepções de mundo alheias ao indivíduo-massa e que serve à conservação de

⁹GRAMSCI. Antonio op. cit. p. 12.

¹⁰ ROUANET. Paulo Sérgio **Imaginário e Dominação**, p 74.

um processo hegemônico de uma das classes (a burguesia) em luta de dominação. Contudo, numa perspectiva gramsciana há que se considerar o senso comum como ponto de partida e também ponto de chegada, enquanto processo hegemônico das classes subalternas.

A "filosofia da práxis" gramsciana considera o senso comum, porque sabe que a verdade é teoria e prática e que somente tal verdade revoluciona o social, dado que não escamoteia a divisão do mundo em classes e é, portanto, "práxis revolucionária".

Da forma seguinte se expressa, textualmente, o próprio Gramsci sobre o seu entendimento da intrínseca relação e complementariedade da filosofia e do senso comum:

"Talvez seja útil distinguir 'praticamente' a filosofia do senso comum, para melhor indicar a passagem de um momento ao outro. Na filosofia, destacam-se notadamente as características difusas e dispersas de um pensamento genérico de uma certa época em um certo ambiente popular. Mas toda filosofia tende a se tornar senso comum de um ambiente, ainda que restrito (de todos intelectuais). Trata-se, portanto, de elaborar uma filosofia que — lendo já uma difusão ou possibilidade de difusão, pois ligada à vida prática e implícita nela — se torna um senso comum renovado pela coerência e pelo vigor das filosofias individuais. E isto não pode ocorrer se não se sente, permanentemente, a exigência do contato cultural com os 'simplórios'."¹²

" O significado da "filosofia da práxis" para Gramsci

"(...) a 'filosofia da práxis' não se contunde e não se reduz a nenhuma outra filosofia: ela não é só original enquanto supera as filosofias precedentes, mas notadamente enquanto abre um caminho inteiramente novo. Isto é. renova de ponta a ponta o modo de conceber a própria filosofia (**Concepção Dialética da História**, p. 189)."

"(...) a 'filosofia da práxis' é o historicismo' absoluto, a mundanização e terrenalidade absoluta da história. Nesta linha é que deve ser buscado o filão da nova concepção do mundo" (ibid. p. 189).

■ GRAMSCI. Antonio **Concepção dialética da história**, p. 18

O pensamento gramsciano ressalta a importância do sujeito e, sem cair no voluntarismo, pretende a organização e criação de um novo bloco histórico que pense, filosofe, a partir de uma outra concepção de mundo; que ascenda do nível do senso comum a uma consciência filosófica. de uma real compreensão do mundo dividido em classe. Para Gramsci, só a filosofia marxista dá conta desta proposta. Somente ela favorece a construção e a consolidação de uma hegemonia proletária (contra-hegemonia burguesa). Hegemonia que é poder de conhecimento (filosofia) e ação (política) da classe que, historicamente, contém o germe que faz avançar o processo revolucionário e a marcha da transformação social."

Filosofia, Aparelhos de Hegemonia e Escola

A construção de uma contra-hegemonia burguesa é, para Gramsci, a tarefa primordial a ser feita pela classe trabalhadora na elaboração e ou busca de uma outra filosofia, de um outro senso comum, de uma outra fé e religiosidade* que seja guia e norma de conduta numa perspectiva humanizadora.

É preciso fazer o caminho de volta: desmontar a hegemonia burguesa: entendê-la por dentro, para que uma outra se faça e com teor diferente que não de dominação e exploração. O liberalismo penetrou nas consciências via pensamento revolucionário burguês e se fez em senso comum. Importa fazer o caminho no âmbito do pensamento revolucionário do operariado, criando uma outra concepção de mundo, uma outra hegemo-

" Gramsci não destaca a filosofia da política (...) pode-se demonstrar que a escolha e a crítica de uma concepção de mundo são, também elas, atos políticos' (Ibid. p. 15).

¹⁴ Sobre fé e religiosidade é interessante ver como Gramsci torna clara a distinção do que chama **cristianismo Ingênuo e cristianismo jesuitizado**. Aquele, como uma forma necessária da vontade das massas populares: uma forma de racionalidade do mundo e da vida. Este último, bem diferente do outro. Ideologicamente transformado pela classe dominante em simples ópio do povo. Para ele, o determinismo católico deve ser combatido quando leva as classes subalternas à passividade: a religião é a mais gigantesca utopia isto é, a mais gigantesca metafísica que já apareceu na história (CI. GRAMSCI. Antonio **A Concepção dialética da história**, p 5)

nia, capaz de fazer o **homem liberto**, o **homem catártico**, saído de sua condição inferior de **homem massa**, mergulhado e submisso ao **mundo das necessidades**, emergindo-o para o **mundo da liberdade**.

"Pode se empregar a expressão catarsis' para indicar a passagem do momento puramente econômico (ou egoísta-passional) ao momento ético-político, isto é, a elaboração superior da estrutura em superestrutura na consciência dos homens. Isto significa, também, a passagem do objetivo ao subjetivo' e da 'necessidade à liberdade' (...)

A fixação do momento catártico' torna-se assim, creio, o ponto de partida de toda a filosofia da práxis; o processo catártico coincide com a cadeia de síntese que resultam do desenvolvimento dialético."¹⁵

Na utopia da construção do novo; da edificação de outro **bloco histórico** não-burguês, proletário; da efetivação de uma verdadeira **reforma intelectual e moral**, o pensamento gramsciano centra sua reflexão no entendimento da **hegemonia**, a partir do nexa orgânico e dialético entre estrutura e superestrutura.

"(...) o fortalecimento da concepção de bloco histórico', no qual, justamente, as forças materiais são o conteúdo e as ideologias são a forma— sendo que esta distinção entre forma e conteúdo é puramente didática, já que as forças materiais não seriam historicamente concebíveis sem forma e as ideologias seriam fantasias individuais sem as forças materiais."¹⁶

É importante ressaltar tal nexa para que não se caia em afirmações incorretas de um Gramsci "voluntarista", dando um conteúdo essencialmente cultural ao seu conceito de sociedade civil.

" **GRAMSCI. Antonio. A Concepção dialética da história**, p 63. "

ibid. p 63.

Gramsci parte de Marx e avança em seu pensamento, sem contudo entrar em desvios idealistas ou leituras economicistas. Ele muito se opôs, por um lado, ao idealismo de Croce, que hipertrofiava a superestrutura fazendo da história somente a história das paixões e da vontade,¹⁷ e por outro lado, firmemente, às leituras economicistas que fazem da história uma relação "homem — base estrutural". A história, para ele, é fundamentalmente a contradição entre a liberdade e a necessidade, entre a vontade e as determinações. É a **catarsis** como momento de luta política, do movimento histórico, que se faz pela **vontade** e pelas **determinações**, pela **quantidade** e a **qualidade** das forças que atuam nas contradições do concreto.

Há que se considerar as condições históricas de Gramsci — em que o capitalismo já tinha avançado em relação ao período vivido por Marx, e em que o partido comunista, vitorioso na Rússia, achava-se impotente para dar respostas efetivamente revolucionárias, em outras partes do mundo — que, sem dúvida nenhuma, abriram-lhe perspectivas outras, para uma reflexão sobre a importância da **moral** e da **cultura** num processo de transformação social.

Lênin e Gramsci vivem situações históricas geográficas diferenciadas e ambos procuram na aplicação rigorosa e radical da teoria marxista fazer leituras concretas de situações concretas. Não fazem abstrações

" Sobre Benedetto Croce é preciso assinalar o grande significado histórico do crocismo na cultura italiana. Foi considerado, ao lado de Giustino Fortunato, "fermento" de idéias. no movimento estudantil.

Para Gramsci, "Croce, de 1912 a 1932 (elaboração de teoria da história ético-política), tende a permanecer líder das tendências revisionistas, para conduzi-las a uma crítica radical à liquidação (político-ideológica) do materialismo histórico, mesmo do atenuado, e da teoria econômico jurídica" (GRAMSCI. Antonio. Op cit., p 209) Ainda que se opondo firmemente a Croce. Antonio Gramsci o tem como uma mediação fundamental na construção do seu pensamento político-filosófico. visto que Croce está preocupado com a modernidade na Itália. Quer elevar esta ao nível do século, fazendo-a romper com o provincianismo, com a estreiteza cultural; está preocupado com o cosmopolitismo. ainda que via liberalismo

Dois outros aspectos em Croce que também alicerçam Gramsci a) Crítica ao jesuitismo; b) Filosofia da vida. A filosofia deve se debruçar sobre problemas que a contemporaneidade apresenta e que possa respaldar uma moral. Croce é um pragmatista

soltas no vazio. Seguem Marx no rigor metodológico que utilizou no seu estudo sobre **O Método da Economia Política**. Assim, não vêem a perspectiva da análise com neutralidade, a qual lê a "coisa em si", sem paixão, sem valores, sem ser "contaminada", separando a ciência e a política como momentos distintos, justapostos. Ao contrário, argumentam que só vê com máxima objetividade quem tem paixões. Na construção da objetividade é preciso fazer a síntese da subjetividade e objetividade.

O momento de Gramsci não se caracteriza — como o de Lenin — por escassa participação política na qual a ação do proletariado se exercia sobretudo através de vanguardas combativas, porém, pouco numerosas e atuando na clandestinidade. Em tal conjuntura — diversa da época histórica de Gramsci — salienta-se o aspecto ditatorial do Estado burguês. Não é o caso da Itália da década de 20 que Gramsci vive. Do momento de ascensão do fascismo de Mussolini,¹⁸ que a direita faz avançar, triunfando, seu projeto político e, o que é significativo assinalar, apoiando-se em movimento político de massas que tomava já uma grande expressão.¹⁹ Desta feita, trata-se de condições objetivas com características e peculiaridades próprias. Diferentes, portanto, os eixos estratégicos de luta revolucionária de um e de outro: Lenin e Gramsci. Ambos situam, entretanto, suas análises em torno da construção da hegemonia.

A hegemonia gramsciana tem a primazia da sociedade civil sobre a sociedade política, exatamente porque situa naquela o terreno essencial

" O que mais intrigava e preocupava Gramsci era acompanhar todo o fracasso da revolução socialista no Ocidente, após a vitória dos Bolcheviques na Revolução Russa de 1917. Ele vê fracassar seis "Conselhos de Fábrica", ao tempo que assiste crescer o Estado fascista na Itália. Com tal constatação, avança suas reflexões sobre "Sociedade Civil" e decididamente vê na "Revolução de Outubro um exemplo da vitória da vontade política contra o determinismo econômico do homem na sua realidade histórica contra o inelutável sentido das coisas" (MACCHIOCHI. Maria Antonietta. p 54)

" É preciso atentar, para compreender a atualidade de Gramsci, para o discurso de W. Reich; não, as massas não foram enganadas, elas desejaram o fascismo. "Hoje, escreve Reich, admite-se universalmente que o fascismo não é uma laçanha de Hitler ou Mussolini. mas a expressão da estrutura irracional do homem, nivelado na massa. E mais; o fascismo, enquanto movimento político, distingue-se de todos os outros partidos reacionários pelo fato de que é aceito e preconizado pelas massas. MACCHIOCHI. id. ibid. p. 68)

da lula contra a classe dirigente, no que difere de Lenin, que insiste no aspecto puramente político da hegemonia, na estratégia de luta da "guerra de movimento". Gramsci desloca o eixo estratégico da **guerra de movimento** para a **guerra de posição** sem, contudo, abandonar a idéia de que na "guerra de posição" está embutida a "guerra de movimento", isto é, a guerra insurrecional. Na perspectiva gramsciana a estratégia para o processo revolucionário, viabilizado pela "guerra de posições", privilegia, sobremaneira, a construção de uma contra-hegemonia partida das classes dominadas, sendo que a conquista da sociedade política coroa essa hegemonia. Seu processo é centrado na formação e desenvolvimento da sociedade civil, tendo em vista um modeh) de constituição do Estado Integral Democrático, próprio da sociedade regulado, que o proletariado pretende construir e que avança do Estado Liberal Totalitário.

Gramsci trabalha politicamente numa época histórica e num âmbito geográfico no qual já se generaliza uma maior complexidade do fenômeno estatal, registrando-se inclusive a conquista do sufrágio universal.

Ora, levando-se em conta o contexto histórico de Gramsci com a socialização da política, aparecimento de numerosas instituições (escolas, partidos, sindicatos), fortalecimento de outras (igreja, universidade) com desempenho efetivo na vida política, é que constata-se, de forma indubitável, o fortalecimento de uma "Sociedade Civil" signilicativa, o que traz o lato novo de que a esfera ideológica ganha mais autonomia material, funcionando essas instituições como detentoras de materiais específicos (com estrutura e legalidade próprias) das relações de hegemonia.

Rellelindo sobre estas novas situações dadas, Gramsci avança a teoria marxista Constata-se na sua **Concepção ampliada de Estado**, uma certa ênfase no aspecto superestrutural! — e de forma alguma um detalhe pode ser esquecido: ele dialoga em grande parte com os economicistas, aqueles que têm uma visão mecanicista do processo de transformação, a partir de mudanças econômicas. Em nenhum momento, contudo, des-cuidou da base econômica das transformações superestruturais.

"Pode haver reforma cultural, elevação civil das camadas mais baixas da sociedade, sem uma precedente reforma econômica e uma modificação na posição social e no mundo econômico? Eis por que uma reforma intelectual e moral não pode deixar de estar ligada a um programa de reforma econômica. E mais o programa de reforma econômica é exatamente o modo concreto através do qual se apresenta toda reforma intelectual e moral."²⁰

O que Gramsci afirma, textualmente, é que o programa de reforma econômica é exatamente o modo concreto através do qual se apresenta toda reforma intelectual e moral. Em momento algum ele faz uma leitura linear de "coisas em separado". Combativamente, afirma que as forças econômicas são forças humanas, são forças sociais e estas se organizam em torno de um projeto intelectual e moral. A Reforma Intelectual e Moral constituindo-se não enquanto uma teoria ética, mas, sim, constituindo-se como ação que impulsiona os homens e que é guia, orientação e norma de conduta.

De forma alguma, diz, ele, existe uma reforma econômica "em si". Isto é um abstracionismo típico dos economicistas. Fazer uma reforma econômica é mudar as forças concretas que realizam e expressam esse econômico. Toda reforma econômica se realiza através da reforma dos homens e essa reforma se chama, para Gramsci, **Intelectual e Moral**. Intelectual, porque é de conhecimento que se eleva do senso comum, nível primitivo de compreensão de mundo, visão fragmentária, heterogênea, característica da atomização do grupo subalterno, para uma concepção de mundo mais elaborada. Moral, significando ação, conduta e práxis revolucionária.

Dimensão Superestrutural e Aparelhos de Hegemonia

No pensamento gramsciano, o processo hegemônico se dá na superestrutura de um bloco histórico específico. Nesta, os homens adquirem consciência dos conflitos que se verificam no mundo econômico. É o

" GRAMSCI. Antonio **Maquiavel, a política e o estado moderno**, p 09

terreno das ideologias, da luta política. As relações de classes criam o Estado. Este é **força política** e também **consenso**. Dispõe de **aparelhos coercitivos** ao tempo que exerce sua força através dos **aparelhos de hegemonia**, de que também dispõe. A **escola** é um desses aparelhos de hegemonia, que tanto serve para reproduzir o Estado burguês, no preparo de peças para o capital, como, pela contradição, pode propiciar a crítica e a consciência da necessidade de superá-lo. A hegemonia da classe dominada, na travessia do processo revolucionário, se utiliza, sim, da máquina do Estado atual. Para Gramsci, a escola, na perspectiva da classe operária tem tarefas a cumprir, enquanto se faz em uma das estratégias de "guerra de posição". ">

Os aparelhos de hegemonia (a escola como um deles) são o campo da luta hegemônica, organismos de participação política. Ainda que se constituindo em fortificações das classes dirigentes são, também, lugar de antagonismos, cabendo às classes dominadas explorarem estes espaços, conquistarem posições e, desta forma, criarem uma contra-ideologia que significa elaborar uma outra filosofia e um outro senso comum, buscando, desta forma, inverter a correlação de forças vigentes neste Estado de classes que porta projetos de sociedades distintas.

O projeto hegemônico da classe dirigente não contém a verdade revolucionária porque tenta dissimular as contradições com idéias abstratas. O projeto de construção de uma outra hegemonia pela classe proletária, a ser cimentado pelos seus intelectuais orgânicos, porta a verdade revolucionária, porque justamente faz a crítica do sistema capitalista, forma que tomou a sociedade atual, que apoiada no princípio da propriedade privada faz-se em luta entre capital e trabalho.

A escola, enquanto aparelho de hegemonia, se encarrega de, pelo consenso, manter coeso o bloco atual — ao tempo em que também contribui para sua superação histórica. Há sempre luta hegemônica entre o novo e o velho. A hegemonia do velho, que também já foi novo, e no avanço histórico de classes em luta fêz-se em aliança com o antigo na luta contra a maioria: a classe proletária. Esta classe porta o novíssimo e se sustenta numa filosofia não mais liberal positivista (ainda que incorpo-

rando-a), porém no materialismo histórico-dialético, ou, como chama Gramsci, na "filosofia da práxis".

"(...) ciência da dialética e a gnoseologia, na qual os conceitos gerais de história, de política, de economia se relacionam em uma unidade orgânica." "

Posta a questão sobre a função da escola na contribuição da reforma intelectual e moral, Gramsci busca resposta no seu concreto histórico fugindo de formulações idealistas, típicas do pensamento liberal burguês. Ele é um ortodoxo materialista histórico e não trabalha com categorias abstratas.

Analisando a Itália do seu tempo e querendo dar soluções para um projeto determinado de revolução proletária, Gramsci insere a escola no bojo de um projeto político específico. Tece o entendimento da escola no interior de sua compreensão de hegemonia. Quando discute a escola, tanto quanto o faz na discussão dos demais aparelhos de hegemonia do Estado, Gramsci está tecendo a concepção do particular, do específico, com referência e na direção da totalidade, isto é, de construção de um novo mundo, de um novo homem, de uma nova hegemonia. Interessa saber a tarefa que cabe à escola fazer em nome do projeto revolucionário. É assim que o fio educacional de Gramsci é encontrado no interior do pensamento revolucionário, o que contribui para que se constate que o pensar gramscianamente a questão da educação significa pensá-la de modo qualitativamente oposto ao pensar liberal. Gramsci põe parâmetros novos na questão da educação, quando pensa o educacional no âmbito de estratégias e táticas revolucionárias. Pela "guerra de posições" o recoloca não como um pré-revolucionário, porém, como a própria revolução, saindo dos princípios universais de igualdade e liberdade abstratas para a discussão concreta de como realizar a educação, tendo em vista a construção de uma nova hegemonia, que verdadeiramente contribua para um mundo com os pilares da igualdade e liberdade desgarrados dos grilhões da alienação. Alienação esta que é concreta, real, lincada na história e não como a compreendia Hegel, que a situava no plano

" GRAMSCI. Antonio Concepção dialética da história, p 155

do espírito, espiritualizando o trabalho, dissolvendo a "práxis material" numa "práxis espiritual". Em Hegel a libertação dá-se no plano do espírito:

"(...) Hegel apresenta as coisas como se o trabalhador pudesse nas condições próprias a um regime de servidão e exploração ascender à consciência de sua liberdade, sem adquirir a consciência de sua alienação".

"A libertação, como antes a dominação, tem como eixo o reconhecimento do valor humano: ou seja, dá-se no plano do espírito".²²

Gramsci faz como o já fizera Marx: busca não o Absoluto, porém, a História construída pelos homens.

Caminhando na direção do real concreto e social, o pensador italiano reflete a escola deixando ricas contribuições para o pensamento educacional marxista.

Aparelhos de Hegemonia e Escola

Discutir a escola, em Gramsci, é discutir a **hegemonia**; é pôr a questão do **intelectual**. O que está posto como pano de fundo no seu pensamento é a construção de uma nova sociedade pelo processo de hegemonização de uma nova cultura, que virá em substituição da cultura burguesa que se fez pelo pensamento liberal.

Organizar um nova cultura é, para este pensador, um ato político: um ato revolucionário do qual todos os homens engajados politicamente numa práxis social podem participar. A cultura não é absolutamente, privilégio dos sábios. Todos os homens são intelectuais, não havendo prática humana não relacionada com a teoria. Diz Gramsci:

"... todos os homens são filósofos, definindo os limites e as características desta filosofia espontânea peculiar a todo

"VASQUEZ. Adolfo Sanchez **Filosofia da práxis**, p 77-8

o mundo' isto é, da filosofia que está contida: 1) na própria linguagem que é um conjunto de noções e de conceitos determinados e não simplesmente de palavras gramaticalmente vazias de conteúdo; 2) no senso comum e no bom senso; 3) na religião popular e, conseqüentemente, em todo sistema de crenças, superstições, opiniões, modo de ver e agir que se manifesta naquilo que se conhece geralmente por folclore'."

A verdadeira concepção de mundo não é aquela logicamente afirmada como fato intelectual, porém a que resulta da atividade real de cada um, que está implícita na sua ação. Ora, a ação é sempre uma ação política, daí que indaga Gramsci: "(.. } não se pode dizer que a verdadeira filosofia de cada um se acha inteiramente contida na sua política?"⁴

É importante entender que quando Gramsci discute a questão-da escola unitária pela ótica política, está discutindo a questão da hegemonia. Na realidade, a escola é um eixo intimamente articulado com dois outros. quais sejam: hegemonia e intelectual. Para ele é preciso discutir a questão da escola unitária da mesma maneira que se fará com todas as outras formas de expressão cultural, tendo em vista tentar entender a hegemonia burguesa da formação social capitalista que está instalada e que se pretende romper, desinstalar. Daí que a escola, assim como o partido de quadro, o jornal, que Gramsci chama de "escola de adultos", a revista, enfim, todas as expressões culturais, se constituem expressões especialmente políticas; são instâncias através das quais a hegemonia burguesa está consolidada, sedimentada. Urge entendê-las para dissecá-las, para que uma outra se faça e com teor diferente que não de dominação e exploração. É assim que Gramsci se empenha na compreensão do bloco histórico, cimentado pelo intelectual burguês, para desmontá-lo. A questão da construção de uma nova hegemonia é a própria luta revolucionária, que carrega no seu bojo a construção da escola unitária.

" GRAMSCI. Antonio **Concepção dialética da história**, p 11. " Id

Ibid p 14

Para Gramsci, uma pergunta que se faz presente, nessa discussão, é se é possível a escola unitária numa formação social capitalista. A resposta é afirmativa, desde que a escola que o autor analisa não é uma escola neutra, de cunho liberal, abstrata, apolítica. Gramsci é sobretudo um marxista historicista que parte sempre de análise concreta, de situações concretas, e por isso mesmo não está se referindo a uma sociedade revolucionada, pós-Itália. Ele está tomando em consideração a Itália, a sociedade capitalista, e não desconhece a luta de classes, o que, aliás, para ele é uma verdade já posta e na qual pretende avançar. E se empenha na compreensão da contradição que se constitui o capitalismo, contradição capital-trabalho. É preciso captar essa contradição nas formas em que se expressa. Para Gramsci, trata-se de uma contradição essencialmente econômica, política e ideológica. Complexo é enlendar-na na coesão que se instala entre dominados e dominantes. Tem-se aí a questão de fundo da hegemonia e construção de um bloco histórico. Como foi possível à burguesia fazer-se hegemônica e coesa numa formação social de classes antagônicas, cujos projetos são opostos. Torna-se necessário partir de dentro dessa compreensão como possibilidade única de caminhar na construção do novo. E no que a escola unitária, que por não ser neutra se faz no comprometimento político, pode contribuir?

A questão da escola unitária está intimamente ligada ao movimento de construção do novo e que está no **Partido Amplo**, enquanto **Intelectual Coletivo**, o *locus* principal na defesa da construção desta escola como condição necessária na organização de uma outra cultura: a proletária. Significa que é preciso dar organicidade às sociedades civis gelatinosas (o caso específico da Itália), o que se faz, não construindo uma nacionalidade difusa, porém construindo a hegemonia do operariado, articulando e organizando o movimento operário, por ser este o caminho da revolução.

Do que já se disse sobre o entendimento de Gramsci da escola unitária como um dos espaços, um dos lugares de consolidação e cimentação da nova hegemonia proletária, passa-se então, para um outro nível do que se considera relevante ser colocado na dimensão deste trabalho. Desta feita, caminhando um pouco pela especificidade do fazer pedagógico, indaga-se com Gramsci o que cabe à escola fazer, desde que

por ela passa a formação dos intelectuais, que, como lambem já se disse, dão a argamassa do bloco histórico, a sustentação, a coesão que significa expressão de hegemonia de uma classe sobre a outra, de um grupo sobre o outro, nesta estrutura imersa na contradição, que tem múltiplas expressões. Diz Gramsci:

"A escola, mediante o que ensina, luta contra o folclore, contra todas as sedimentações tradicionais de concepções do mundo, a fim de difundir uma concepção mais moderna, cujos elementos primitivos e fundamentais são dados pela aprendizagem da existência de leis naturais como algo objetivo e rebelde, às quais é preciso adaptar-se para dominá-las, bem como de leis civis e estatais que são produtos de uma atividade humana estabelecida pelo homem e podem ser por ele modificadas visando a seu desenvolvimento coletivo."²⁵

Esse grande trabalho educativo das massas passa pela escola, como condição necessária, ainda que não suficiente, pois dará sem dúvida os instrumentos do domínio da "ciência dos homens" e da "ciência das coisas", assim como o domínio da língua como elemento articulador dessas ciências. Essa revolução cultural é imprescindível, tendo em vista a ação dirigente da classe revolucionária antes mesmo de se tornar dominante. "Um grupo social — observa Gramsci — pode e, aliás deve ser dirigente já antes de conquistar o poder governamental (essa é uma das condições principais para a própria conquista do poder); depois, quando exerce o poder e mesmo que o conserve firmemente nas mãos, torna-se dominante, mas deve continuar a ser também dirigente."²⁶

Perguntar em Gramsci pela tarefa que cabe à escola realizar enquanto instituição isolada é adotar um ponto de vista liberal. Numa ótica revolucionária, à escola cabe ensinar novas gerações a conhecerem o mundo do ponto de vista científico. Importa, sim, uma escola unitária que é

" GRAMSCI. Antonio **Os Intelectuais e a organização da cultura**, p 130

" GRAMSCI. Antonio, op cit. p. 130.

bem o oposto da que propõe a defesa do regionalismo, do local, das diferenças individuais, do respeito às culturas provincianas, que é uma perspectiva do liberalismo. Êste, num determinado momento histórico, pôs a defesa da escola pública, universal e gratuita para construir a hegemonia burguesa. O que interessa na perspectiva revolucionária é uma escola que articule o conhecimento em torno do eixo que é o trabalho, uma vez que este se constitui como categoria essencial que organiza a "sociedade dos homens" e a "sociedade das coisas"; o próprio movimento que dá a contradição, a intersecção nesta formação social. Desta maneira é que, para Gramsci, só tem sentido indagar o seguinte: do ponto de vista do partido revolucionário, qual a tarefa que cabe à escola unitária fazer em nome do projeto revolucionário e não no seu próprio limite. Projeto este objetivado pelo Intelectual Coletivo, partido amplo articulador da prática e de elaborações teóricas que vão permitir o rompimento com a hegemonia burguesa e a construção de outra nova.

Em Gramsci, a delimitação do que é específico se fará no interior da compreensão do próprio projeto político revolucionário.

O domínio do conhecimento é a especificidade do saber educacional, numa perspectiva da escola unitária, do conhecimento concreto que educa a todos (que nela estejam também os filhos dos trabalhadores). Transmitindo conhecimentos concretos que são bem o avesso do folclore, do senso comum, do mágico.²⁷ Gramsci se refere ao conhecimento articulado em torno do trabalho, num dos seus textos sobre o princípio educativo:

"O conceito do equilíbrio entre ordem social e ordem natural sobre o fundamento do trabalho, da atividade teórico-prática do homem, cria os primeiros elementos de uma intuição do mundo liberta de toda magia ou bruxaria, e fornece o ponto

Interessante esclarecer o seguinte Para Gramsci o conhecimento tem que ser elaborado a partir das condições materiais da existência de maneira científica e como tal crítica e filosófica. ainda que. e fundamentalmente, partindo da concepção de mundo dos simplórios

de partida para o posterior desenvolvimento de uma concepção histórico-dialética do mundo, para a compreensão do movimento e do devenir, para a valorização da soma dos esforços e de sacrifícios que o presente custou ao passado e que o futuro custa ao presente para a concepção da atualidade como síntese do passado, de todas as gerações passadas, que se projeta no futuro."²⁸

A escola unitária coloca como meta a ser alcançada, fazer com que as novas gerações adquiram aqueles instrumentos de compreensão do mundo para que possam movimentar-se no âmbito do conhecimento, do qual é constituída historicamente a realidade. Visa a lutar contra o folclore e o saber fragmentário, tendo em vista a obtenção de uma visão unitária e coerente da realidade, superando, assim, a heterogeneidade e atomização de perspectivas, características das classes subalternas. Gramsci analisa a importância de se fazer a passagem do saber ao compreender e ao sentir e, vice-versa, do sentir ao compreender e ao saber. Diz ele:

"O elemento popular 'sente', mas nem sempre compreende ou sabe; o intelectual 'sabe', mas nem sempre compreende e muito menos sente'. (...) o erro do intelectual consiste em acreditar que se possa saber sem compreender e, principalmente, sem sentir e estar apaixonado, isto é, sem acreditar que o intelectual possa ser um intelectual (e não um mero pedante) mesmo quando distinto e destacado do povo-nação, ou seja, sem sentir as paixões elementares do povo, compreendendo-as e, assim, explicando-as e justificando-as em determinada situação histórica..."²⁹

Ora, no que Gramsci coloca a escola unitária como espaço partidário, cujo alvo é a formação de novas gerações numa ótica revolucionária, tem-se que precisar mais ainda as ferramentas de que fará uso aquela

²⁸ GRAMSCI, Antonio, op cit. p. 130.

²⁹ GRAMSCI. Antonio **Concepção dialética da história, op cit. p 138-9.**

instituição. Coloca duas pré-condições: 1) a disciplina para conhecer a realidade concreta; 2) o **domínio dos conhecimentos** para conhecer a realidade e não mascarar-la. Torna-se necessário perceber que Gramsci tem sempre em vista uma resposta histórica sobre quais devem ser os parâmetros de conhecimento a serem dominados. Aos jovens devem ser dados igualmente as **matrizes do pensamento** que permitem conhecer o mundo, as condições concretas cujo eixo está no **trabalho**. Oferecer os conhecimentos necessários que permitam dominar esta realidade concreta significa superar os conhecimentos mitigados, lendo em vista oferecer às jovens gerações aquilo que se constitui núcleo explicador da realidade objetiva histórica, que é o trabalho. Nesta direção é posta a necessidade de ser oferecido aos jovens o conhecimento que seja científico, para além do folclore e do senso comum. Para Gramsci, ciência é a forma mais radical de explicar o mundo num determinado momento histórico. O conteúdo da ciência não é algo abstrato, porém concretamente criado pelos homens nas suas relações de trabalho. A disciplina é necessária, segundo Gramsci, para que se faça a reforma intelectual e moral e seja possível atingir o alvo que é tirar o homem de sua condição de "homem-massa", transformando-o em "homem liberto"; no "homem catártico".

Gramsci trabalha, no que diz respeito à disciplina para conhecer a realidade concreta, a questão da contradição entre **autoritarismo e espontaneísmo**. Caminha na direção de reafirmar a crítica ao espontaneísmo, defendendo a disciplina que propicia a condução firme, a condução orgânica para que o percurso da reforma intelectual e moral possa ir tecendo esta nova hegemonia. Para ele, elevar o indivíduo a uma condição superior, implica necessariamente a coerção, daí o caráter coercitivo da tarefa educativa que ao disciplinar o indivíduo está fazendo-o possuidor de uma nova concepção de mundo. Trabalha com a questão de que os mecanismos de uma educação coercitiva podem realizar o processo educativo, visando atingir uma concepção de mundo mais elaborada, mais autônoma.

Sobre este aspecto afirma Gramsci:

"(...) será sempre necessário que a criança se fatigue a fim

de aprender e que se obrigue a privações e limitações de movimento físico, isto é, que se submeta a um tirocínio psico-físico. Deve-se convencer a muita gente que o estudo é também um trabalho, e muito falgante, como tirocínio particular próprio, não só muscular-nervoso mas intelectual: é um processo de adaptação, é um hábito adquirido com esforço, aborrecimento e mesmo sofrimento."³⁰

A proposta de Antonio Gramsci de elaborar uma "filosofia da práxis", transformando a mentalidade dos homens através da reforma intelectual e moral, passa, necessariamente, pela escola, como instituição articulada com o projeto político de transformação social.

Bibliografia

- GRAMSCI, A **Concepção dialética da história**. 5. ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1984.
- **Maquiavel, a política e o estado moderno**. 4. ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.
- **Os Intelectuais e a organização da cultura**. 4. ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1982.
- GRUPPI, L. **Tudo começou com Maquiavel**. 7. ed., Porto Alegre, LPM Ed., 1980.
- MACCHIOCCHI, M. A. **A favor de Gramsci**. 2. ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra,
- MARX, K & ENGELS. F. **A Ideologia alemã**. São Paulo, Ed. Moraes, 1984. (cap. I).
- ROUANET, S. P. **Imaginário e dominação**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1987.
- VASQUES, A. Sanchez. **Filosofia da práxis**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

³⁰ GRAMSCI. Antonio **Os Intelectuais e a organização da cultura**, op cit p 138-9